



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

**ESCREVIVÊNCIAS EM DANÇA: um relato de experiência do
Vaca Profana**

CATIELE CRISTINA OLIVEIRA GONÇALVES

**ARACAJU - SE
2023**

CATIELE CRISTINA OLIVEIRA GONÇALVES

**ESCREVIVÊNCIAS EM DANÇA: um relato de experiência do
Vaca Profana**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Me. Thabata Marques Liparotti

ARACAJU - SE

2023

CATIELE CRISTINA OLIVEIRA GONÇALVES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

VACA PROFANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXIMINADORA

Prof.^a Me. Thabata Marques Liparotti (orientadora)

Prof. Me. Ramon Diego Fonseca Costa (examinador)

Prof.^a Dr. Edna Maria do Nascimento (examinadora)

“Você pode passar a vida traçando linhas... ou viver sua vida atravessando-as. Mas existem certas linhas que são perigosas demais para se cruzar. Aqui está o que sei: se você estiver disposto a arriscar... a vista do outro lado é espetacular.”

-Meredith Grey, Grey's Anatomy

AGRADECIMENTOS

As noites mal dormidas não foram poucas, a saudade de casa se fez presente a todo instante, as noites intermináveis de ansiedade que só eu e meu quarto vivemos, as incansáveis vezes que o cansaço bateu à porta, são alguns dos mais difíceis dias até aqui. Mas nem só de tristeza é feita uma fase, comigo carregarei momentos únicos nesses felizes quatros anos de Aracaju. Desistir nunca foi meu forte e por amor às causas perdidas, eu não vim até aqui pra desistir agora!

Primeiramente, toda honra e toda glória seja dada ao Senhor, pois até aqui me sustentou e me fez entender que na hora certa ele fará acontecer. Me mostrou como ser forte e corajosa, a não desanimar, nem temer, pois ele é meu Deus e estará comigo a todo momento. Segundamente, aos meus Pais, Gilmar Pimenta Gonçalves, símbolo de força, coragem e fé, e não exagerando, melhor pai do mundo. Painho, obrigada por todo esforço feito embaixo de sol a sol para me dar sempre o melhor e a Maria de Fátima Silva Oliveira Gonçalves, minha mãe que abdicou de inúmeros luxos para me ver sempre bem vestida, arrumada e feliz. Vocês viveram junto comigo esse sonho, me ensinou a batalhar pelo o que quero e não desistir por mais difícil que pareça. Apesar de humildes, me ensinaram as coisas mais valiosas desse mundo, essa graduação não é minha, essa graduação é de vocês que abdicaram de seus sonhos para que eu pudesse hoje estar vivendo os meus, obrigada meus amores, é tudo por vocês e para vocês! A minha irmã, Andriele Oliveira Gonçalves que partilhou comigo esse sonho e que se fez presente a todo momento, cuidado e aconselhando, você é meu exemplo de pessoa nesse mundo, tenho certeza que a vida não seria a mesma sem você do meu lado, obrigada por tudo, inclusive por bancar minha segunda mãe e me induzir no caminho certo.

Agradeço aos meus familiares que estiveram comigo nessa caminhada torcendo e vibrando, em especial, a minha Tia Maria de Oliveira Bastos (in memoriam) que hoje não pôde compartilhar desse momento comigo em terra, mas sei que de onde estiver, estará vibrando por essa vitória. A você tia, o meu amor eterno.

Aos meus primos que sempre estiveram comigo nessa caminhada, em especial a Ana Beatriz, Cíntia Silva, Deise Laine e Jéssica Oliveira, que apesar da distância se fizeram presentes a todo momento, sempre ligando e mantendo contato, sendo verdadeiras companheiras durante o tempo longe de casa, obrigada por cada palavras de incentivo as quais, que não deixaram-me desistir.

Aos meus amigos de longas datas que sempre estiveram ao meu lado, sem vocês, a vida seria muito sem graça. Vocês fazem a mensagem de Deus ter sentido na minha vida “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro” Eclesiastes em 6,14. A vocês meu muito obrigada: Analice, Isabela, Gleisson, Paula, Cássio, Weber, Adriele, Vanessa, Tássio, Thaísa, Samara, Pedro Henrique, Allana, Clezia, Laís e Saulo que foi muito mais que um amigo nesta caminhada, estando ao meu lado durante minhas crises e crises, você terá sempre um lugar especial em minha vida.

Aos amigos de Aracaju que durante essa caminhada árdua, se fizeram mais que amigos, tornaram-se verdadeira família na ausência da minha, a vocês: Nunca é um adeus! Saibam que seus nomes não estão aqui apenas para preencher espaço, muito obrigada por cada dor, alegria e angústia compartilhada ao meu lado: Ane Maria, Celina Maria, Hiago, Adja Caroline, Victor Leonardo, Guilherme Jesus, Jonathan Dayves, João Lopes, Otávio Vinicius, Natan Santiago, Fabrício Aragão, Felipe Andrade, Sandino Lamarca, Paula Fonseca, Caroline Santos, Sérgio Luiz e aos que o Muay Thai me deu de presente, chegaram recente mas que se fizeram tão amigos quanto os que aqui já estavam: Maria Cândida, Bia Americano, Otacílio Cobra, Luan Jacinto, Jonathan Santos e Waleska.

Em especial à Catherine Oliveira, com quem tive o prazer de dividir moradia durante meus primeiros três anos aqui, saiba que tenho um carinho de irmã por ti e nunca saberei retribuir tamanhos esforços e partilhas de angústias, horas de estudos, fofocas e risadas. O eterno apt 103, ficará guardado eternamente em meu coração. Aqui, agradeço também a babis pela sua rápida passagem, mas com uma contribuição imensa na minha vida. Babis, você sempre será lembrada como a menina da risada alta e de cantorias ouvindo Jorge e Mateus.

Obrigada também a uma família mais que especial na minha vida: Neide, Duda e Branco. Vocês foram uns verdadeiros pais para mim enquanto estive aqui. Nunca esquecerei de tudo que fizeram por mim e por cada momento que falavam que eu era como uma filha, com toda certeza, foi o melhor presente já ganhado na minha vida. Nunca me esquecerei de vocês e me esperem que eu volto já para dar boas gargalhadas.

Obrigada a uma pessoa mais que especial, que chegou recentemente, mas que segurou e segura na minha mão, durante essa dura fase de conclusão de curso. Tainá Iasmin, obrigada amiga por se fazer ponto de paz e plenitude quando meu mundo desaba, obrigada por cuidar de mim de uma forma única. Nunca deixe de ser quem tu és, essa lindeza cheia de alegria e boa luz, você se tornou irmã nessa jornada.

Por último e não menos importante, aos meus professores que até aqui me guiaram e se fizeram exemplos de docência. Em especial aos meus professores da Escola Selma Nunes:

Lucélia Carmo e Rita Defensor. Aos do ISEM: Adriana Brito, Eliana Cardoso, João Paulo Menezes, Tania Rosa e Josana Lilian.

Aos do cursinho Diferencial, vocês me prepararam como ninguém: Priscila Borges, Tia Leninha, Raimunda, Maurício Chaves, Diorge Darlon, Thaíla figueiredo, Suélen Figueiredo e Deise Magalhães. Aos que estão me tornando graduanda, vocês são exemplos de força, resistência e coragem: Ana Carolina Frinhani, Jonas Karlos, Paulo Lacerda, Bianca Bazzo, Marcelo Moacyr e Daniel Moura. Em especial, minha orientadora que topou embarcar nessa loucura comigo, segurou minha mão e não mediu esforços em me ajudar, a você, minha eterna Gratidão: Thabata Liparotti. E a minha banca: Edna Nascimento e Ramon Diego.

Obrigada a tia Edileuza, tio Mica, Fafá e Aline sem vocês esse departamento não seria o mesmo, sem a alegria e cuidado, “a baiana” vai morrer de saudade de vocês.

Por fim, Obrigada Vaquinhas, sem vocês esse trabalho não seria possível. VIDA LONGA AO VACA!

RESUMO

Durante a escrita, utilizei como inspiração as Escrevivências de Conceição Evaristo (1994). Assim, o estudo tem como objetivo principal descrever e analisar as minhas escrevivências a partir da relação entre a minha história pessoal e meu processo junto com o grupo de Dança do Vaca Profana. O presente trabalho se justifica por retratar o espetáculo de dança do Vaca Profana, deixando registrado a partir das minhas percepções inspiradas nas escrevivências. Enquanto discente do curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Enquanto intérprete, pude perceber e vivenciar os diversos modos de ser, existir e se manifestar no meio artístico e na vida. Além disso, apesar de inicialmente o termo de Escrevivências ser utilizado por uma mulher negra, hoje, entende-se que o termo deixou de ser somente utilizado por esse grupo/etnia. Por tratar de recurso metodológico, pode ser utilizado por outros grupos, logo, por pessoas de todas as classes e etnias para falar de suas vivências e costumes. Assim, enxergo os escritos de bell hooks na prática em modos de ensino dados por Carol, como de Paulo Freire (1996), uma vez que a mesma trás o dia a dia das dançarinas e através disso, criou-se o que vemos como resultado do Vaca Profana, o espetáculo. Desse modo, o grupo faz grande somatória no meu eu enquanto mulher, sendo separado entre o antes do curso, para o meu eu de agora. Dentre tantas mudanças perceptíveis, pode-se dizer que a maturidade em relação ao corpo tenha sido a mais grandiosa e genuína mudança visível a olho nu.

Portanto através do relato apresentado, nota-se a transformação a partir das vivências e escrevivências, uma vez que, trago ao decorrer do meu texto, como o Vaca teve importante função nos mais diversos âmbitos da minha vida, dentre eles o meu ser filha, neta, artista, docente e mulher.

Palavras-chaves: Dança, relato de experiência, Escrevivências, intérprete-criadora e Vaca Profana

ABSTRACT:

During the writing, I used as inspiration the Writings of Conceição Evaristo (1994). Thus, the main objective of the study is to describe and analyze my writings based on the relationship between my personal history and my process with the Dança do Vaca Profana group. The present work is justified by portraying the Vaca Profana dance show, registering it from my entries inspired by the writings. As a student of the undergraduate course in Dance at the Federal University of Sergipe. While interpreting, I was able to perceive and experience the different ways of being, existing and manifesting in the artistic environment and in life. In addition, although the term Escrevivências was initially used by a black woman, today, it is understood that the term is no longer used only by this group/ethnicity. Because it is a methodological resource, it can be used by other groups, therefore, by people of all classes and ethnicities to talk about their experiences and customs. Thus, I see the writings of bell hooks in practice in ways of teaching given by Carol, as by Paulo Freire (1996), since it brings the daily life of the dancers and through this, what we see as a result is created from Vaca Profana, the spectacle. In this way, the group makes a great sum of my "self" as a woman, being separated between what was before the course and what I am now. Among so many perceptible changes, it can be said that maturity in relation to the body has been the greatest and the genuine change visible to the naked eye. Therefore, through the presented report, the transformation from the experiences and writings can be noticed, since, I bring along my text, how the Vaca played an important role in the most diverse areas of my life, among them my being as a daughter, granddaughter, artist, teacher and woman.

Keywords: Dance, experience report, Writings, interpreter-creator and Vaca Profana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
2. DESENVOLVIMENTO	21
2.1. O ESPETÁCULO VACA PROFANA.....	21
2.2. AS ESCRIVIVÊNCIAS DE CATIELE	27
2.3. O PORQUÊ DO CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA?	31
2.4. ESCRIVIVÊNCIAS DA CATIELE ARTISTA.....	33
2.5. ESCRIVIVÊNCIAS DA CATIELE EDUCADORA	36
2.6. ESCRIVIVÊNCIAS DA CATIELE MULHER.....	37
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

LISTA DE FIGURAS

FOTOGRAFIA 1 - Vaca Profana no Evento Jornada da Dança Da Bahia, 15 de Novembro de 2019	23
FOTOGRAFIA 2 - Catiele Gonçalves em Rosinha no Ensaio Secreto, 2019.....	24
FOTOGRAFIA 3 - Camarim do Vaca Profana no evento do Ensaio Secreto, 2019.....	25
FOTOGRAFIA 4 - Trecho do Vaca Profana no espetáculo que foi transmitido pelo Youtube, Moiras, 2019	26
FOTOGRAFIA 5 - Catiele Gonçalves e Jonas Karlos. Fotografia tirada no evento da reitoria da UFS, 2019	28
FOTOGRAFIA 6 - Catiele Gonçalves e Carol Frinhanhi em primeiro contato, 2019.....	28
FOTOGRAFIA 7 - Vaca Profana no Restaurante universitário em homenagem a morte de Danielle, 2019.....	29

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal descrever e analisar as minhas escrevivências a partir da relação entre a minha história pessoal e meu processo junto com o grupo integrante do Vaca Profana. O Vaca Profana é um espetáculo criado no ano de 2016 pela professora Me. Ana Carolina Frinhani (que daqui para frente chamarei de Carol Frinhani, modo como a chamamos) dentro do Curso de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Utilizo como inspiração para a escrita deste relato de experiência o conceito de escrevivências proposto por Conceição Evaristo. No qual, narra fatos e acontecimentos vividos pela autora em sua biografia. Sendo, um dos romances escrito pela mesma, a história de Ponciá Vicêncio, no qual a personagem conta como suas partidas e cheganças cooperam com o modo de vida e costumes no corpo social da cidade grande (Evaristo, 2017a; 2017b).

É importante salientar aqui que esse trabalho escrito sobre o grupo de Dança do Vaca Profana é inédito, uma vez que nunca foi escrito sobre ele dentro da graduação de Dança. Assim, apesar de desafiador, é também gratificante poder deixar registrado sobre o grupo ao qual fiz parte e contribuir para o não esquecimento do grupo na Universidade de Sergipe e além dela.

Assim, faço uma correlação de como o Vaca enquanto espetáculo, nossas vivências e criações partilhadas enquanto grupo, reverberou nos meus costumes culturais em sociedade, bem como no fazer artístico, enquanto docente e mulher. Me coloco aqui como intérprete-criadora do grupo Vaca Profana em que participei ativamente dos processos de reestruturação do espetáculo, entre os anos de 2019 a 2023. Além disso, dancei e interpretei em palco o produto final das vivências.

Seguindo essa linha de pensamento, acredito que o Vaca Profana instigou-me em todos os aspectos de minha vida, desde o Catiê antes do curso de Dança e também, como integrante do grupo, até os dias de hoje. Sendo assim, nada mais justo que usar das minhas experiências inspirado na escrevivência (Evaristo, 2017 a; 2017b) para relatar processos fundamentais para o eu mulher, docente, dançarina e corpo vivo na cena e além dela.

O presente trabalho se justifica por retratar o espetáculo de dança do Vaca Profana, deixando registrado a partir das minhas percepções inspiradas nas escrevivências. Enquanto discente do curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe afirmo o quanto esta experiência contribuiu para minha formação e assim, este estudo pode também deixar meus registros e contribuições para futuras gerações do corpo discente, e para além dele. Pessoalmente, aponto também que o Vaca Profana teve impacto no meu entendimento de mundo, especificamente no meu entendimento enquanto mulher do ponto de vista político e

social, uma vez que pude entender nuances das quais não entendia antes, como por exemplo, o sentimento de rejeição corporal e meu modo de existir no meio da dança.

Enquanto estudante de licenciatura, ao refletir sobre questões educativas durante os processos criativos, pude perceber como eram feitas as mediações pela prof. Carol. A partir delas pude tirar aprendizados no qual acredito que me acompanharão por toda vida. Escrevo sobre o Vaca pois nele me fiz artista, mulher e discente e futura docente.

Durante minhas vivências e leituras percebi que poderia escrever sobre a minha experiência enquanto artista dentro da UFS. Assim, decidi deixar registrado nesse trabalho o que foi feito perante ao meu olhar, o Vaca enquanto grupo e também, enquanto espetáculo. Dessa forma, abrangendo toda minha escrevivência, não ficando o trabalho restrito somente ao processo de criação, que envolve vivências para construção das cenas, rodas de conversa, mas, tentando abranger também as apresentações, a produção, o amadurecimento do grupo e a caminhada da infraestrutura que pode ser observada inicialmente como mais amadora, indo pouco a pouco para um reconhecimento artístico profissional. Além de buscar deixar explícito toda experiência no aspecto afetivo e emocional que não só vivi, mas compartilhei e aprendi.

Enquanto método deste estudo posso apontar como um relato de experiência que visa descrever e analisar as minhas vivências no Vaca, inspirado no conceito de escrevivências de Conceição Evaristo. Meu ingresso no processo do Vaca Profana iniciou em 10/07/2019 e foi até 10/12/2019 dentro do Grupo de Dança Performance da UFS. Após esta data continuei minha participação, mas o grupo já se organizava enquanto independente, esse vínculo se faz de 2019 até o presente momento no ano de 2023.

Durante todo este tempo o grupo realizava ensaios regulares com frequência de três vezes na semana quando não se tinha edital, e quando havia o cumprimento de algum edital, esses encontros eram de segunda-feira a sexta-feira. Os encontros e vivências aconteciam no departamento de Dança, sempre no turno vespertino, durava cerca de cinco horas de ensaios, dividindo entre laboratórios guiados, rodas de conversas e ensaios coreográficos. Esse último, acontecia de forma dinâmica, onde éramos separadas por atos e cada grupo era responsável por pegar sua coreografia e fazer a limpeza da mesma, para no final fazer um ensaio geral, isso acontecia todos os dias de ensaio. Sendo, as primeiras semanas de processo de criação, e com o decorrer dos ensaios, havia passagem de coreografia e nas últimas semanas somente para limpeza e passagem de palco.

O Grupo conta com o espetáculo de aproximadamente de 1h:50min, abordando cenas consideradas tabus na sociedade como: A repressão dessa mulher, pela ilusão da felicidade na submissão, nudez, o orgasmo feminino e a objetificação do corpo feminino.

Como objetivos específicos deste estudo podem-se apresentar: Descrever o conceito de escrevivências; relacionar o conceito com o processo criativo do espetáculo e analisar como o Vaca reverberou nos meus costumes culturais em sociedade, bem como no fazer artístico, também enquanto educadora e como mulher.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O ESPETÁCULO VACA PROFANA

Como já dito acima, o espetáculo Vaca Profana foi criado em 2016. Assim, quando cheguei em 2019 o Vaca profana já tinha uma estrutura pronta, em que, conforme iam mudando as integrantes essa estrutura se reformulou de acordo com as vivências das intérpretes, o exemplo disso, são as falas durante a cana do Manifesto, que não permanecem a mesma em todas temporadas. Assim, como diz no ditado popular, “já peguei o trem andando” (autor desconhecido), ou seja, não peguei o processo inicial de criação, entendendo que colhi os frutos das que vieram antes de mim.

Sendo assim, durante meu processo de iniciação e vivência no grupo, pude perceber que Carol Frinhaní faz atributo do uso de laboratórios guiados, usando a pesquisa baseada na prática, teoria descrita como “o artefato criativo é a base para contribuição para o conhecimento” (CANDY, 2006, p.1). Bem como, de rodas de conversas que nos faziam sentir-se a vontade o suficiente para assumir abusos sofridos, comentar e problematizar sobre o papel sofrido por mulheres no corpo social, sobretudo, o brasileiro.

Posso descrever que, em muitas das vezes, durante o processo do laboratório eu não tinha total consciência dos acontecimentos enquanto estávamos nele, sobretudo ao ponto de conseguir fazer uma reflexão crítica logo após sua finalização ou de alcançar todas as reverberações e questões que o mesmo acabara de tocar.

Em minha percepção era uma improvisação guiada, que me conduzia a partir de músicas, estímulos, falas. E como eu adentrei no grupo a partir de uma estrutura já pronta, sentia que os laboratórios acessavam muito pelo aspecto emocional para nos afinar enquanto movimentação, enquanto dramaturgia e interpretação nas cenas do espetáculo. Sendo assim, as lembranças das vivências emergem borradas e turvas em minha mente, acredito que por estar submersa na vivência emocional, tenho uma certa dificuldade em reconhecer e descrever as estratégias metodológicas em si, lembro-me mais do aspecto sensorial enquanto improvisava.

Assim, uma das poucas lembranças de estratégias é de Carol nos direcionando para frente do espelho e reverberando perguntas como: O que te machuca? Quem é a pessoa que você está vendo? O que essa pessoa falaria para ela mesma?

Frequentemente, durante os ensaios Carol propunha de rodas de conversa, momento na qual todas compartilhavam nossas vivências, falando sobre violências sofridas, situações abusivas e costumes herdados que reproduzimos muitas vezes sem querer por estarmos imersas numa sociedade machista e patriarcal.

Para início de discussão, entende-se que a escrevivência aqui compartilhada, não existe somente um único caminho a ser seguido, nem uma única verdade vivenciada durante o processo de criação do espetáculo, articulando entre emoções, sentido, razão, liberdade, feminismo e percepção corporal.

Sob a coordenação e direção de Carol Frinhani, o grupo Vaca Profana contou com doze participantes, sendo três bolsistas cadastrados pelo sistema da universidade. Isso se deu até o momento em que o espetáculo fez parte do projeto de extensão do Grupo de Dança e Performance entre 2018 e 2019. Após tornar-se um grupo independente o Vaca começa a atuar com o cumprimento de editais culturais. Não tendo mais um vínculo direto com a UFS deixando de ter bolsistas.

O Vaca Profana enquanto projeto e espetáculo surgem a partir da inquietação da Professora Carol Frinhani em relação a violência contra as mulheres, motivadas por suas vivências enquanto mulher e bailarina. O Vaca profana em um primeiro momento compõe os escopos pedagógicos do Curso de Dança através do Grupo de Dança e Performance da UFS na condição de atividades de extensão durante o ano de 2018 e 2019, contudo, a proposta toma corpo e amplia suas ações para além dos muros institucionais.

O grupo era composto pela diretora Carol Frinhani e pelas interpretres-criadoras: Eu, Catielle Gonçalves; Ana Gabriela Machado, Daniela Nunes, Lívia Dantas, Raiane Souza(Rai-do-sol), Reijane Santos, Sephânia Nascimento, Sara Saulo (nome social), Talita Lima e Vanessa Carranza. Como equipe técnica: produção e fotografia por Wagner Mendonça, sonoplastia por Joanderson Almeida, iluminação por Dennys Leão e contrarregragem por Fabiano Oliveira, Stella Rocha e Valmir Reis.

Dentre as intérpretes criadoras do processo, sendo egressas tínhamos Reijane Santos, Ana Gabriela Machado (que não fez curso de Dança, mas que é ex-aluna da UFS). Hoje, esse quadro de nomes aumentou, temos: Lívia Dantas

Na imagem abaixo, pode-se ver todas nós posando para foto em ato de agradecimento.

FOTOGRAFIA 1 - Vaca Profana no Evento Jornada da Dança Da Bahia, 15 de Novembro de 2019



Fonte: Acervo do Instagram do @vacaprofana_

Os processos criativos se deram a partir de encontros que aconteciam ora de segunda-feira a sexta-feira, no período de cumprimento de edital, ora três vezes na semana quando não se tinha um evento próximo firmado, com o grupo. Assim, através da memória, iam despertando lembranças de cada membro do grupo, a fim das mesmas irem se lembrando e recordando de situações vivenciadas no dia a dia, seja na rua, escola, igreja, casa e nos mais diversos lugares.

Seja na infância, adolescência, juventude e até mesmo, na fase adulta, para falar de diversos assuntos, ora das violências sofridas por mulheres em todos os lugares, ora momento para acolher, companheirismo e conselhos sobre os mais diversas questões dentro do que é ser mulher. Aqui, o Vaca me fez perceber que o vulnerável também pode nos trazer aprendizados, pois, nem todos os momentos somos fortes e precisamos de ombro amigo para nos aconselhar.

Em grande parte dessas reuniões de vivências, notei o desabafo não só verbal, mas destes corpos que ali estavam, seria um pedido de socorro e/ou um muito obrigada por enxergar minhas dores, me acolher e não me julgar, pois a sociedade já faz isso com todas nós. Aqui, em momentos específicos como as rodas de conversa, o grupo me acolheu, quando percebi que ali, eu podia me permitir vulnerável.

Assim, o Vaca que transita entre o sagrado (quando existe uma herança religiosa nos costumes, nesse caso, enquanto mulher. Como por exemplo: servir o marido, ser dona de casa e cuidar dos filhos somente) e o profano (seria então o pensamento mais independente da religião, em que a mulher já tem outros pensamentos para além do casa e o marido), me trouxe pra uma realidade ainda desconhecida, como por exemplo, a de permitir sentir meus desejos profundamente sem me sentir culpada por eles.

Logo, Vaca Profana vai muito além daquilo que se vê como resultado (palco). Isso faz-se notório, quando em rodas de conversas, eram relatadas situações extremamente íntimas de cunho sexual, profissional, abusos, agressões e dentre tantos outros assuntos. Os laboratórios guiados por Carol nos faziam lembrar de situações como: lembrar de quem somos, porque estávamos ali, o que queríamos, o que nos machucava, como poderíamos lidar com essa dor e o que aproveitar dela para um trabalho. Ela guiava pelo caminho verbal, mas também introduziu a improvisação guiada.

FOTOGRAFIA 2- Catiele Gonçalves em Rosinha no Ensaio Secreto, 2019.



Fonte: Wagner Mendonça

Nós do grupo inteiro participamos da organização de cenários. Aqui, destaca-se também a figura de Wagner Mendonça, em que participava ativamente não só como fotógrafo do grupo, mas também como produtor artístico. Nós maquiávamos umas às outras, fazíamos penteados, como ilustrado na imagem 3, além de nos ajudarmos a organizar e vestir as roupas entre uma cena e outra.

Assim, apesar do descaso que se encontra a cultura no cenário brasileiro com a falta de verba de iniciativas governamentais e dificuldades para com outros recursos, lutamos muito para tirar o Vaca Profana desse lugar de grupo pouco conhecido, na esperança de virarmos potência nacional, mas que mais uma vez, não teremos certeza que esse feito, uma vez que ainda lutamos pelo espaço que não é nos concedido: o reconhecimento.

FOTOGRAFIA 3 - Camarim do Vaca Profana no evento do Ensaio Secreto, 2019



Fonte: Wagner Mendonça

Minha primeira experiência de palco se deu a partir do evento da Jornada da Dança da Bahia, que ocorreu em novembro de 2019, até então eu tinha participado de dois meses de ensaio, desde a minha entrada. Assim, se deu o marco do meu ciclo no grupo, pois até então nunca tinha subido em um palco na vida inteira. Dançar em algo tão grandioso era algo muito além da minha realidade, isso marcou meu modo de ver e comportar no mundo, conquistar minha confiança e despertar em mim o ser intérprete-criador.

Naqueles dias em Salvador, eu estava frente-a-frente com tudo que sempre sonhei. poder dançar no teatro era até então o inalcançável. Quando chegou no dia de apresentar, pude desfrutar de um camarim aconchegante, com um banquete, espelhos e iluminação adequada para a produção e tudo que um artista deveria ter por direito, se não houvesse tamanha desvalorização com nossa classe.

Após subir no palco, ver a plateia cheia, todas as cadeiras preenchidas... foi inexplicável, uma noite única para a menina vinda do interior, no qual, jamais pensou em subir no palco do Teatro Castro Alves, mas aconteceu e me lembrarei eternamente daquele momento.

O espetáculo conta também com trilhas sonoras como “Vaca Profana” escrita por Caetano Veloso, "Milágrimas" de Itamar Assumpção e “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque. Trilhas essas, que fazem menção aos atos do espetáculo, além de narrar fatos como acontecia não só com mulheres atenienses, em que as mulheres eram criadas, educadas e reservadas para o mundo doméstico por seus patriarcas, até que esse poder sobre a mesma seja passado ao marido, tornando assim, a mulher subjugada aos costumes patriarcais e machistas da época.

Mas que de certo modo, reverbera até os dias atuais, como podemos ver nas altas taxas de violência em que me faz refletir sobre o alarmante número de feminicídios. Assim, me assusta pensar que só no primeiro semestre do ano de 2022, foram registrados 699 assassinatos de mulheres, além dos casos não notificados. Logo, sendo a maior taxa registrada no país em um único semestre, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Durante minha passagem pelo Vaca, foram contabilizados dez espetáculos ao total vivenciados por mim, sendo dois deles pela instituição: Fragmento de Cozinha, que aconteceu no Restaurante Universitário da UFS (RESUN), além de uma mostra para comunidade geral dentro do Departamento de Dança da UFS no Centro de Cultura e Arte (CULTART).

Pela produção de grupo independente são eles: A Jornada da Dança da Bahia), no qual o grupo apresentou alguns fragmentos denominados “Carne, Cozinha, Orgasmo e Rosinha”, no Teatro Castro Alves, mostras e roda de conversa com a comunidade de ribeirinhos (marisqueiras)¹ no qual aconteceu no próprio departamento de Dança.

Houve também como grupo independente, a intervenção no evento intitulado “Ensaio Secreto” no Mosqueiro (bairro da grande Aracaju). Três dias seguidos de espetáculo pelo aldeia circo Aracaju, além de ser contemplado com projetos como a Lei Aldir Blanc no período pandêmico, apresentando o espetáculo transmitido via Youtube como mostrado na imagem abaixo:

FOTOGRAFIA 4 - Trecho do Vaca Profana no espetáculo que foi transmitido pelo Youtube, Moiras, 2019



Fonte: Wagner Mendonça

No ano de 2020, inicia-se o período pandêmico do COVID 19, fazendo com que houvesse grande mudança na atuação do grupo. Apesar do período conturbado vivido naquele momento, ainda cumprimos com um edital, que inicialmente era para ter acontecido de forma presencial, mas que diante da situação exposta ao novo vírus, aconteceu de forma remota pela plataforma do Youtube.

É de extrema importância, ressaltar aqui, que embora o grupo esteja com a pausa, os frutos colhidos de seus processos perduram em minhas vivências, como intérprete, criadora, educadora, corpo dançante, filha, neta, amiga, companheira e sobretudo, mulher.

2.2. AS ESCREVIVÊNCIAS DE CATIELE

Meu contato com a obra Ponciá Vicêncio surge em diálogo com o professor Ramon Diego¹ durante o primeiro encontro do Programa Residência Pedagógica². Nesta oportunidade, em conversa com o professor, disse-lhe sobre minha antiga ideia de proposta temática sobre o Terno de Reis da Mocidade em Flor de Macaúbas-Bahia³.

Neste momento, comento ao mesmo meus planos e projetos de escrita, mas sou indagada por ele sobre o tempo para consecução de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que envolveria pesquisa de campo, fora do estado em um curto prazo de tempo. Haja vista, que teria pouco tempo para a conclusão do curso de dança, uma vez que precisaria assumir um concurso no próximo semestre.

O mesmo, sugere uma abordagem voltada às minhas práticas enquanto discente e bailarina. Então relembro das minhas experiências no Vaca, em que me deslumbrava pela forma como se dava o processo no palco, como eram executadas as coreografias dançadas, além de toda temática envolvendo as violências das mulheres.

Assim como na história contada por Conceição Evaristo sobre as escrevivências de Ponciá Vicêncio, a minha descoberta em fazer Dança me trouxe inúmeros desafios. Sair da casa de meus pais no interior da Bahia, enfrentar viagem longa, vim para a cidade grande sem saber

¹ Formado pelo curso de dança, mestre em Ciências da Religião, especialista em coordenação pedagógica pela UFS e Professor de Artes pela Secretária de Educação do Estado de Sergipe.

² O programa residência pedagógica, iniciado no final do ano de 2022, pela Universidade Federal de Sergipe com atuação nas escolas estaduais do estado de Sergipe, no qual, atuo como residente e Ramon como professor preceptor.

³ Grupo de manifestação religiosa que homenageia os três reis magos no período natalino. O Terno da Mocidade em Flor é pertencente à cidade de Macaúbas no interior da Bahia, aproximadamente 694 km da Capital (Salvador) o grupo saem nas ruas do dia 24/12 à 06/01, considerado o período natalino

de muita coisa, enfrentar o novo, deslumbrar-se com o novo, tentar uma vida nova, aprender com essa vida e tudo isso associado à vontade de fazer Dança.

Passando alguns dias após minha chegada no curso de Dança, pude presenciar uma apresentação do professor Jonas Karlos e Carol Frinhani na Reitoria da UFS, e lá estava eu, sempre prestigiando e admirando aqueles dois. Na oportunidade de contato, conversei com Carol sobre o Vaca e lhe disse que gostaria de fazer parte do grupo.

FOTOGRAFIA 5 - Catiele Gonçalves e Jonas Karlos. Fotografia tirada no evento da reitoria da UFS, 2019



FONTE: acervo pessoal

FOTOGRAFIA 6 - Catiele Gonçalves e Carol Frinhanhi em primeiro contato, 2019.



Fonte: Acervo pessoal

Foi então que, junto com minha colega de sala Celina Maria Rodrigues Barroso, decidimos pedir a Carol uma oportunidade de dançar com o Vaca. Assim, entrei para o grupo

e a partir daquele momento, o Vaca tornou-se minha prioridade. Abdi quei de férias com a família, abdi quei de muita coisa, mas sempre tive ciência de que era aquilo que eu queria para aquele momento em minha vida e não houve nenhum momento sequer que pensei em desistir daquele sonho e de tudo que vivi com o Vaca.

Logo que entrei no Vaca, iniciamos uma corrida contra o tempo para o grupo ensaiar e apresentar-se em um evento da UFS, em homenagem a Danielle de 27 anos, que era funcionária da instituição e foi mais uma vítima do feminicídio. Aqui foi minha primeira e mais marcante história interpretada na Dança.

FOTOGRAFIA 7 - Vaca Profana no Restaurante universitário em homenagem a morte de Danielle, 2019



Fonte: Arquivo pessoal

Aquele momento foi histórico e não só pela minha estreia dançando em público, mas também por saber que ali estava a história de tantas Danielle 's, que tiveram suas vozes caladas pelo machismo, pelo patriarcado e pelas inúmeras manifestações de abuso. Aqui se inicia de fato, para mim, o VACA PROFANA, PRA FORA E ACIMA DA MANADA.

A cada ensaio e laboratório era recordado por mim, minhas vivências e trazia para a cena as reverberações do meu ser enquanto intérprete. Ver o modo como o acolhimento ensina mais que o sermão, ver que existe uma explicação para coisas que até então eram inexplicáveis (como por exemplo: minhas crises de ansiedade) e ver como o grupo funciona quando bem liderado.

Enquanto integrante do grupo, pude observar nos encontros como cada mulher reage de formas diferentes aos estímulos nos processos de criação, como por exemplo, os comandos verbais. Um exemplo claro desse estímulo seria então a forma como nos laboratórios cada uma dançava suas dores de forma individual, mas que de alguma forma, uma ia interagindo com a outra e formando um grande compilado dançante.

Enquanto intérprete, pude perceber e vivenciar os diversos modos de ser, existir e se manifestar no meio artístico e na vida. Assim como Ponciá, durante minha caminhada deixei para trás medos, inseguranças e aprendi a lidar com modos de vida diferentes daqueles que estava acostumada a vivenciar.

Assim como Ponciá, tive saudade de casa, tive dias exaustivos, e dias esperançosos, me apeguei a esses e segui a caminhada. Não demorou muito, e fomos convidados a dançar no evento chamado “Ensaio Secreto” Aqui, foi o mais desafiador dos momentos, pois nesse evento foi onde aconteceu o meu primeiro seminário no grupo e na vida.

Lembro-me da enorme insegurança que permeava sobre mim, sobre meu corpo e sobre cada gordurinha localizada que ali se fazia presente. A cada passo dançado era um pensamento diferente, coisas como “todo mundo está reparando em meus seios, em minhas imperfeições”, onde me senti completamente exposta e desprotegida.

Porém, foi ali que entendi o que é viver a arte e sobretudo, o que é se libertar através dela. Naquele dia, pude entender meu corpo de uma forma diferente, entender que cada corpo é um corpo e que as imperfeições que eu tanto temia que notassem, eram na verdade, o que me fazia ser singular.

Aqui, o Vaca enquanto grupo tem um enorme importância, pois foi através das rodas de conversa pós espetáculos que eram verbalizados o que se passava em palco, as inseguranças, os erros, os acertos e dicas para um próximo, que pude verbalizar o meu incômodo com o meu corpo e entender que existia uma enorme inquietação no que diz respeito aos seios.

A partir disso, houve um enorme processo de auto aceitação em que o grupo por inteiro, sempre estavam prontas para acolher e aconselhar. Aqui me fiz LIBERDADE DE SER QUEM SOU!

Convivi intensamente a universidade através do grupo, como os contextos me instigaram a querer mais, como o palco me fazia sentir viva como se tudo que sempre imaginei, estivesse ali na minha frente. Era como se eu tivesse realizando um sonho da Catiele criança, como se no palco eu me encontrasse e me redescobrisse.

Além disso, relembrar as cenas no qual fiz parte e que me marcaram profundamente como as Moiras⁴, que fazem menção às três irmãs deusas responsáveis pela vida, de como tudo

⁴ Na mitologia grega, as moiras eram três irmãs (espécie de divindades) que personificavam a condução do destino das pessoas e dos deuses. De acordo com a mitologia, eram elas que controlavam (teciam na Roda da Fortuna, espécie de tear mágico) o fio da vida de todos (do nascimento até a morte). Na língua grega antiga, a palavra *moira* significava “espalhador”, “parte” ou “porção”.

foi pensado desde sendo véu a única coisa cobrindo o corpo, os objetos utilizados como o fio, para simbolizar a vida, a agulha de tecer esse fio da vida e a faca fazendo menção à morte.

A partir disso, em meio a abordagem do que é o projeto e espetáculo, sou apresentada no dia 14 de Fevereiro de 2023, ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo pelo professor Ramon. A partir disso, busco me aprofundar no conceito e aprender mais sobre o que é a escrevivência, bem como, entender esse pensamento e modo de fazer a escrita da vivência e ter em mente de onde veio, para saber como devo chegar nesse lugar de fala, que inicialmente não me pertence.

O professor me empresta o livro Ponciá Vicêncio romance escrito por Conceição Evaristo. O livro narra experiências de mulheres como a violência doméstica, abusos sexuais e psicológicos, dentre outras formas de violências contra mulheres. Enquanto lia identifiquei que havia questões no romance, que eu relacionava com os questionamentos dos processos de criação do Vaca Profana.

Desse modo, correlaciono a história de Ponciá Vicêncio, personagem do livro de Conceição Evaristo, com relatos de abusos sofridos por mulheres e, a partir disso, me vejo entrelaçando o Vaca e o livro. Em trecho de Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo escreve:

Moça Biliza se sabia, deitara algumas vezes com companheiros de roça e alguns saíam mais e mais desejosos dos encontro com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é se esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou. (EVARISTO, 2017. P.84)

Assim, esse trecho faz-me lembrar de um depoimento, em que a mulher foi chamada de puta pelo companheiro de forma que a ofendesse e a tornasse menos mulher. Tal fala rendeu um trecho do Vaca que soava como uma ironia e/ou uma provocação ao público do que seria o “ser puta”. A partir disso, no ato, a intérprete Rai de Sol, diz bem alto e bom som:

Ah! Sim... algumas coisas que você precisa saber sobre mim: 1.Minha sensualidade não me faz menos inteligente! 2. Eu me priorizo e sou totalmente capaz! 3. A minha dança não é um convite para o sexo de quem quiser. E pra você que um dia me chamou de puta tentando me fazer sentir inferior, eu digo o seguinte: Sou puta mesmo!(depoimento de RAI DE SOL em cena do Vaca, 2019, s/n)

Aqui, faço uma relação direta do Vaca com o livro de Evaristo, iniciando assim minha inspiração para escrever a minha vivência, meu eu, minhas escrevivências.

2.3. O PORQUÊ DO CONCEITO DE ESCREVIVÊNCIA?

Diante do exposto, vejo-me presente e imersa nessa tessitura entre Ponciá Vicêncio e o Vaca, enquanto mulher, bailarina, pertencente ao grupo de pessoas levadas ao êxodo em busca de melhores condições ou sonhos, dentre este cursa a graduação em Dança. Considerando tais

fatores o conceito de escrevivência é indispensável neste relato de experiência, visto que posso me entender enquanto sujeito êmico deste estudo.

Em entrevista, Evaristo (2018) narra como surge e o que vem a ser escrevivência enquanto conceito e processo metodológico, ao tempo que propõem que este limitar-se a um determinado grupo social ou tecitura social, ou seja, apenas a tecitura afro-brasileira, visto que múltiplos são grupos sociais e literatura que contempla discussões e realidades. Para Evaristo (2020) o conceito surge através de

um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. **Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência** (EVARISTO, 2018,s/n, grifo do autor)

Ainda no livro “a escrita de nós”, Em acordo, um dos organizadores do livro, Duarte (2020) diz que:

A única certeza é que toda mulher, independente da etnia, sexualidade e classe social, Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da escrevivência sofre com o machismo, a misoginia e o falocentrismo os pilares do patriarcado. E são muitas as personagens de Evaristo que representam este Feminismo em sua vertente contemporânea, que considera não só a condição de gênero, como também a etnia, a classe social e a orientação sexual. (DUARTE, 2020, p.148 e149)

Assim, apesar de inicialmente o termo ser utilizado por uma mulher negra, hoje, entende-se que o termo deixou de ser somente utilizado por esse grupo/etnia. Por tratar de recurso metodológico, pode ser utilizado por outros grupos, logo, por pessoas de todas as classes e etnias para falar de suas vivências e costumes.

Logo, reverberando nos meus costumes culturais, haja visto que venho de uma cidade do interior, onde tudo ainda demora de chegar e ao qual, o pensamento sertanejo ainda prevalece, em que o papel da mulher ainda é cuidar da casa, do marido e das crias.

Ao longo do tempo, esse pensamento vem mudando e dando margem para as mulheres ocuparem novos espaços. Assim como fez Ponciá, no romance de Conceição Evaristo, muitas saem da casa dos pais em busca de melhores qualidades de vida e uma formação acadêmica, eu sou uma delas.

Ainda muito nova, tive o incentivo de meus pais para a iniciação científica, além de uma independência intelectual e financeira, não sendo induzida ao pensamento de construir uma relação com base nos interesses econômicos, nem por títulos. Assim, diferente da realidade das

mulheres que antecedem a minha existência, pude acreditar que não existe um herói e que muito ao contrário dos contos de fada, eu mesma posso ser a valente, que vai atrás e consegue o meu.

Assim, em “Mulheres que correm com os lobos”, Clarissa Pinkola Estés diz: “enquanto a mulher for forçada a acreditar que é indefesa e/ou for treinada para não registrar no consciente o que sabe ser verdade, os impulsos e dons femininos de sua psique continuarão a ser erradicados” (ESTÉS, 2018, pág. 65).

Assim, o Vaca Profana teve extrema importância, no que diz respeito, à construção de valores. No Vaca, aprendi não só dar seguimento nos valores a mim atribuídos em casa, mas implementar com outras abordagens que não foram aprendidos em casa e não por falta de querer, mas, por serem meus pais privados de tais conhecimentos, sendo vítimas de crenças que foram enraizados historicamente e passados de geração em geração. Crenças essas, que impõem tudo aquilo que for contra o cristianismo, como pecado, inclusive, o corpo.

Uma vez tendo contato com o Vaca, tive o privilégio de rever meus costumes adquiridos até o presente momento, no qual, diz respeito ao pudor do corpo, e sobretudo, do corpo nu. Aqui, é importante ressaltar a singularidade de como o assunto foi abordado e estudado nas rodas de conversa de forma que não agredisse nenhuma crença, mas que ficasse claro como ponto de vista metodológico, que o corpo nada mais é que a expressão do ser no espaço em que habita.

Dessa forma, pude entender o lugar do corpo no meio social e como se dá a expressão do mesmo num país machista como o Brasil. Entender através de relatos que esse problema é ainda mais discrepante do que se imaginava, e que, a cultura do machismo nos coloca imersos a uma realidade com extremo tabu, no qual dificulta ainda mais a denúncia de abusos sofridos por nós mulheres ao longo da vida.

Sendo assim, afirmo aqui que existe uma Catiele antes do Vaca, em que já existia o pensamento de me libertar de algumas questões envolvendo o machismo e o patriarcado, mas que ainda assim carregava e carrega cicatrizes e dores de mulheres que antepassam minha existência. Contudo, a vivência com o grupo, despertou em mim uma curiosidade e com isso, o senso crítico para a realidade até então não tão distante de mim, mas velada mediante os julgamentos sociais.

2.4. ESCREVIVÊNCIAS DA CATIELE ARTISTA

No que diz respeito ao fazer artístico, o Vaca proporcionou não só o desenvolvimento criativo, como também, a desenvoltura no palco e de como se dava cada erro dentro dos ensaios.

Um exemplo de como o Vaca me ensinou tais coisas foi quando me peguei em horas de ensaio, trabalhando na limpeza de coreografia e a construção da mesma.

Ali, pude perceber o eu artístico muito além do que se imaginava. Descobrir novos deveres, novas formas de fazer e refazer um certo ato coreográfico, de como se dá o processo e que, o caminhar importa mais que o resultado final. Pois assim, pude, através das vivências, descobrir o eu artístico, permeando pelos caminhos de minhas dificuldades e minhas facilidades.

Assim, entre um ensaio e outro, uma roda de conversa e outra, pude partilhar de experiências únicas vividas por mim e pelas amigas de caminhada, partilhando momentos de acertos, correção de sequência e sobretudo, de como o fazer artístico vai além do que se é coreografado, não limitando-se a passos, mas contando acima de tudo, com o emocional.

É importante salientar aqui, que o Vaca apesar de ter movimentos coreografados e premeditados, a maioria do espetáculo em si acontece permeado pela emoção. É através dessa emoção gerada por cada cena, que o espetáculo toca os telespectadores e assim, conseguimos passar a mensagem central. Um exemplo de tais feitos são trechos como: Rosinha, Soluços e Carne, em que as intérpretes têm um meio, mas existe uma certa liberdade nesse interpretar.

Aqui, destaca-se o poder da vulnerabilidade e o saber estar vulnerável para com o outro. Para a elaboração e propagação de emoção no espetáculo do Vaca Profana, foi necessário mostrar “A coragem de ser imperfeito”, quanto a isso, em seu livro, Brené Brown diz:

A percepção de que estar vulnerável seja sinal de fraqueza é o mito mais amplamente aceito sobre a vulnerabilidade – e também a mais perigosa[...] Chegamos ao ponto de, em vez de respeitarmos e admiramos a coragem e a ousadia que estão por trás da vulnerabilidade, deixamos o medo e o desconforto se tornarem julgamento e crítica[...] Sentir é estar vulnerável. Acreditar que vulnerabilidade seja fraqueza é o mesmo que acreditar que qualquer sentimento seja fraqueza[...] Quando estamos vulneráveis é que nascem o amor, a aceitação, a alegria, a coragem, a empatia, a criatividade, a confiança e a autenticidade. (BROWN, 2012, p. 27-28)

Além disso, entendi que o processo é imenso e gratificante, mas que a arte nem sempre é um lugar confortável, muito pelo contrário, é doloroso e exige muito além de uma técnica específica. A cada descoberta do eu artista, existiam duas sensações: a de se sentir pertencente ao processo, ao ponto de achar válida as intervenções, bem como a de não me sentir parte daquilo. Nas duas margens, houve aprendizado, maturação de pensamento e observação do todo.

No que diz respeito ao sentir-me pertencente ao processo, existem ressalvas importantes a serem feitas, como: a importância de identificação com a dor do outro, bem como o altruísmo para lidar com essa dor. Assim, transformar essa dor em arte para que só então as dores dessas

mulheres vítimas do machismo e patriarcado, cujo o histórico é de violências e abusos sofridos nas mais diversas áreas, sejam dançadas de forma que não atribua a ela mais uma dor, mas que através da Dança, seja feita uma alerta e uma denúncia de violências silenciadas todos os dias.

Quanto ao não se sentir pertencente ao processo, diz respeito muito mais em questão de domínio de conteúdos tecnicistas, uma vez que minha primeira participação de deu ainda no primeiro semestre da faculdade, sem nenhum contato prévio com técnicas, sobretudo, contemporâneo. Aqui, destaco o papel fundamental do Vaca no meu processo de reconhecimento enquanto artista e enquanto intérprete dançarina, Uma vez que foi através dos espetáculos que pude perceber minha afinidade com a dança contemporânea e através dela, mudar meu olhar artístico para com outros espetáculos.

Durante toda a experiência, nota-se que o ser artista requer um olhar apurado com tudo em sua volta, olhar este que não tive antes do Vaca. Foi somente em contato com o grupo e partilhas das escrevivências, que tive a oportunidade de observar como cada movimento, mesmo que individual ou sem necessariamente uma intenção, torna-se coletivo e reverbera por todo o grupo e, por conseguinte, para os telespectadores.

Através dos palcos, houve não só o estado de liberdade da artista que existia em mim, mas o redescobrir do meu eu, de como meu corpo reagia diante um mar de pessoas e como isso impactou minha vida para além dos espaços públicos. Foi, através de abordagens como essa, que consegui distinguir o que é cena e o que é a realidade massacrante de ser mulher, mesmo ambas complementando uma à outra.

Assim foi com Rosinha, personagem interpretada por mim, de como a mulher é induzida a ser essa mulher delicada, sensível, domesticada pelos pais, a fim de servir um marido para o matrimônio e assim ser feliz, mesmo diante as próprias frustrações em função de uma sociedade machista e patriarcal.

Dentre tantas cenas, a cozinha onde a mulher serve somente para lavar, passar, cozinhar e cuidar do marido, fazendo menção a tantas mulheres que viveram suas vidas em função disso. Assim como tantas outras cenas, como a Carne sendo a utilização desse corpo feminino, seja no estupro, ou abusos sofridos das mais diversas formas.

No Orgasmo tratando esse prazer como coisa instintiva do corpo humano, não sendo só do corpo masculino, rompendo com o tabu dos prazeres femininos, e/ou no Cupcake em que o corpo da mulher é exposto a um padrão, sobretudo pela mídia, servindo apenas como um objeto mercadológico para o machismo no corpo social.

Sendo assim, compreende-se que o grupo teve papel importante no processo de me descobrir artista, sobretudo, no que diz respeito à forma como esse processo aconteceu. Até

poderia ser possível essa descoberta no processo da graduação, mas entendo que aconteceria de maneira diferente de como se deu no Vaca, reforçando a intensidade de como se deu a importância do processo para mim.

Pela forma humanizada que se deu o processo, depois pela forma de abordagem como foi após as descobertas do processo, o modo como era assegurado o acolhimento acima de qualquer experiência e a certeza de que teria sempre um apoio em que estaria ali para dúvidas que viessem a surgir e/ou para o choro certo que, sempre ocorria, pela força do momento e pelas mensagens que o espetáculo carrega.

2.5. ESCRIVIVÊNCIAS DA CATIELE EDUCADORA

Também enquanto educadora existe um trecho de bell hooks que, na minha concepção define bem minhas vivências e escrituras diante do Vaca Profana enquanto docente:

A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é só o de simplesmente partilhar conhecimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo. (HOOKS, 2013, p. 25)

Desta forma, o modo como se dava os métodos laboratoriais e rodas de conversa, notava-se muito da perspectiva abordada por bell hooks, nos processos desenvolvidos, uma vez que a diretora Prof. Me. Ana Carolina Frinhani não só fazia o trabalho de coreografar e dirigir, mas também de entender a realidade que tinha por trás de cada intérprete.

Assim, enxergo os escritos de bell hooks na prática em modos de ensino dados por Carol, como de Paulo Freire (1996), uma vez que a mesma trás o dia a dia das dançarinas e através disso, cria-se o que vemos como resultado do Vaca Profana, o espetáculo.

Logo, através dessa forma de ensino, aprendi através de observação como cada metodologia era ensinada para os alunos e como utilizar de dispositivos disponíveis na atualidade. Uma delas, sendo as trilhas sonoras utilizadas no espetáculo que trazem temas desde as mulheres atenienses, para retratar a realidade das explorações domésticas vividas pelo patriarcado na Cidade de Atenas, ao contemporâneo, como o funk carioca, retratando a sexualização e objetificação do corpo feminino.

Nesse sentido, pedagogicamente falando, o Vaca colocou-me no lugar de humanização da educação, buscando entender as diferentes realidades existentes no mundo, tendo em vista a singularidade de cada uma delas. Através do Vaca, pude agregar a experiência de um estágio para além de sala de aula. Entender o que se passa antes do aluno chegar na escola (Carol

sempre perguntava como tinha sido a semana, nosso dia), como se dava esse processo de deslocção (Carol sempre perguntava se tínhamos como ir, se estávamos com dinheiro da passagem), como era a questão de retorno, se teria ou não riscos para o mesmo durante o percurso até a escola, são algumas das questões no qual me atentei enquanto docente, sobretudo, docente de escolas de ensino público.

Assim, o grupo Vaca Profana impactou-me muito além dos palcos. Saber tratar dos alunos de forma individual entendendo suas problemáticas no dia a dia deles, fez com que o ensino tornasse mais leve e menos autoritário, não obtendo fortemente o perfil hierarquizado de ensino, em que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno apenas receptor, sem uma opinião própria.

Com isso, é imprescindível a reflexão utilizada por Paulo Freire, no livro intitulado "Pedagogia do Oprimido" no qual diz:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo "encha" de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1996, p.62)

Por conseguinte, Freire defende que não somos seres vazios, ou seja, que o aluno não é um depósito de conhecimentos, mas que todos trazem consigo vivências do cotidiano que impactam diretamente no aprendizado. Logo, enquanto educadora, reflito que é viável que se atente a esse lugar de ensino, tendo em vista, que é exatamente essas vivências e experiências do cotidiano do discente que permite o multiculturalismo entre os mesmos.

Aqui, destaco o conceito de multiculturalismo segundo Candau que afirma que: "o multiculturalismo como uma realidade social, ou seja: a presença de diferentes grupos culturais numa mesma sociedade" (MORANTE; GASPARIN, s. d., p.13)". Logo, por sermos feitos de nossos costumes, saberes e vivências, a escrevivência desses discentes também contribuem para um maior acervo de conhecimento.

2.6. ESCREVIVÊNCIAS DA CATIELE MULHER

Partindo da filosofia utilizada por Simone de Beauvoir: "não se nasce mulher, torna-se mulher", compreende-se tal grandiosidade que essa frase se exerce no grupo de dança Vaca Profana. Apesar de me identificar sendo uma mulher hétero, pude entender dentro do grupo o que é de fato ser mulher. Aqui, não diz respeito a ser mulher enquanto orientação sexual, mas enquanto gênero.

O grupo é composto por mulheres héteros, bi e lésbicas, dentre outras orientações sexuais. Mas, todas elas tinham algo em comum: veio ao mundo com o órgão genital feminino! Por isso, tornamos uma só, uma só luta, uma só batalha contra o machismo que desde os primeiros dias de nossas vidas, nos coloca no lugar de oprimidas.

Assim, através das minhas vivências e escrevivências, pretendo deixar registrado a influência que o Vaca exerce sobre todo público participante, desde intérpretes aos telespectadores. O modo como o Vaca faz referências aos abusos sofridos diariamente por nós mulheres, induz com que a sociedade repense os costumes machistas e patriarcais. Porém, a realidade ainda é assustadora, quando percebe-se que o trabalho feito pelo grupo poderia ter ainda mais visibilidade, diante o que se tem, uma vez que o espetáculo trata de assuntos importantes para o social.

Desse modo, o grupo faz grande somatória no meu eu enquanto mulher, sendo separado entre o antes do curso, para o meu eu de agora. Dentre tantas mudanças perceptíveis, pode-se dizer que a maturidade em relação ao corpo tenha sido a mais grandiosa e genuína mudança visível a olho nu. Sendo a aceitação para com o mesmo, o mais bonito processo de metamorfose, bem como, a forma de ver outros corpos e a forma de expressar através do corpo minhas vontades. Desse modo, pude entender o corpo como templo único e singular da minha morada. Desse modo, Clarissa diz:

[...]Desejamos passar a vida inteira permitindo que os outros depreciem nossos corpos, julgue-nos, considerem-nos defeituosos? Será que temos força suficiente para renegar o pensamento geral e prestar atenção, com profundidade e sinceridade, ao nosso corpo como um ente poderoso e sagrado? Está errada a imagem vigente na nossa cultura do corpo exclusivamente como escultura. O corpo não é de mármore. Não é essa a sua finalidade. A sua finalidade é de se proteger, conter, apoiar, e atizar o espírito e a alma em seu interior, a de ser um repositório para recordações, a de nos encher de sensações, ou seja, o supremo alimento da psique. [...] É errado pensar no corpo como um lugar que abandonamos para alcançar voo até o espírito. O corpo é o detonador dessas experiências. Sem o corpo não haveria a sensação de entrada em algo novo, de elevação, altura leveza. Tudo isso provém do corpo. Ele é o lançador de foguetes. (CLARISSA PINKOLA ESTÉS, 2018, p.237)

Dessarte, a partir da fala de Clarissa, houve em mim uma provocação necessária, provocações essas já existentes no Vaca. Até onde eu preciso me encaixar no padrão de corpo criado pelo capitalismo com o intuito de vender soluções milagrosas para aquilo que não é, e/ou, não deveria ser um problema? afinal, solução para quê? qual sentido de se ter um corpo ideal, haja vista que todos somos seres únicos, cada um com suas singularidades e que não existe o tal corpo ideal, pois são todos corpos, nas mais diversas formas de existir?

Assim, houve um acordar para o que eu estava vivendo até ali. Repensar como havia uma busca pelo corpo perfeito, sempre buscando a perfeição e a validação do outro. Nesse sentido,

após deparar com tais questionamentos, pude entender e refletir no que essas buscas me levaram: crises de ansiedades profundas!

Após perceber-me nesse cenário, pude notar o quanto isso teria me afastado do meu eu e o quanto isso teria me tornado aprisionada em mim mesma. Aqui, o Vaca veio como uma salvação, um grito de esperança. Pois foi através do Vaca que pude me entender no mundo, entender como essa agressão ao meu corpo estava diretamente ligada ao apagamento da minha história corporal, no sentido de apagar minhas escrevivências e os meus antepassados. Sobre isso, Estés diz que:

Difamar ou julgar o físico herdado de uma mulher é criar gerações e mais gerações de mulheres ansiosas e neuróticas. [...] No fundo, a agressão ao corpo de uma mulher é uma agressão ao longo alcance que atinge tanto os que vieram antes dela quanto os que chegarão depois. [...] Destruir o vínculo instintivo da mulher com seu corpo natural subtrai-lhe a confiança. Faz com que ela insista em descobrir se é uma boa pessoa ou não, e baseia sua autoestima na sua aparência em vez de na sua essência. (PINKOLA ESTÉS, 2008. p.233)

Aqui, lembro de uma frase do livro “todas suas imperfeições”, que diz: “Se você iluminar apenas suas imperfeições, todas suas qualidades ficarão na sombra” (COLLEEN HOOVER, 2022, p.147) e foi exatamente isso que o vaca fez, iluminou minhas perfeições e me fez enxergar para além do que o espelho mostrava.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto através do relato apresentado, nota-se a transformação a partir das vivências e escrevivências, uma vez que, trago ao decorrer do meu texto, como o Vaca teve importante função nos mais diversos âmbitos da minha vida, dentre eles o meu ser filha, neta, artista, docente e mulher.

Assim, ainda no meu fazer artístico, o Vaca reverberou no que diz respeito ao processo de criação, entendendo o amadurecimento pessoal que o trabalho me trouxe, bem como o desenvolvimento enquanto grupo e para além dele. Com isso, o descobrimento do meu eu artista, me possibilitou um olhar mais atento aos processos e de como se dava essa construção do todo, treinando o meu olhar para além da cena, entendendo que cada detalhe é importante para compor um espetáculo, desde um pequeno machucado físico, até dores das quais não fazemos noção da existência, treinando assim o meu olhar para o meu eu educadora.

Enquanto educadora, pude através do grupo, perceber como se dava a educação como prática da liberdade (PAULO FREIRE, 1996) em que utiliza dos artefatos da realidade do próprio aluno para a construção do conhecimento, entendendo que não são desprovidos de conteúdos prévios, uma vez que, mesmo não tendo o conhecimento acadêmico, todos possuem

conhecimentos através de suas vivências. Assim, cabendo a nós, futuros docentes entender que mais que um educador, somos multiplicadores de conhecimentos, ao qual, não temos o supremo ato do saber, mas que, juntamente com os alunos, constroem-se o verdadeiro conhecimento, facilitando inclusive, o aprendizado mais profundo e mais íntimo. (HOOKS,2003)

Enquanto mulher, é perceptível em meu modo de portar-se em sociedade os efeitos que o Vaca produziu em mim, desde as pequenas coisas, como por exemplo, a forma de me vestir e a forma de olhar para meu corpo e enxergar nele um templo único. O processo enquanto mulher demandou curas e essas curas demandaram tempo e observação. Com isso, como já dito por Simone de Beauvoir, aprendi a tornar-se mulher. Dentre todos os ensinamentos, considero esse o de maior relevância, uma vez que através do meu renascimento enquanto mulher, pude também renascer enquanto artista, discente e futura docente, aprendendo assim, a utilizar da minha feminilidade para ocupar lugares que foram tirados das mulheres que vieram antes de mim e que lutaram para que eu ocupasse lugares que ocupo hoje.

Assim, diante minha passagem pelo Vaca Profana, posso dizer que o grupo atravessa meu íntimo para além dos palcos. A Catielle artista, educadora e mulher que sou hoje, é somente possível, pelo meu processo de amadurecimento e pelas minhas escrevivências dentro do grupo Vaca Profana. Logo, deixo aqui, minhas considerações e agradecimentos por toda partilha e vivências compartilhadas até aqui; Vida longa ao Vaca Profana!

Referências

ACAYABA, C. Arcoverde, L. **Feminicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo.**

GLOBONEWS.2022.disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/feminicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contr-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>. Acesso: 28 de Março de 2023

BROWN,B. **A coragem de ser imperfeito: como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é.** 2012. Rio de Janeiro: Sextante, 2013. (brown, BRENÉ. P.27-28).

CANDY,L. **Practice Based Research: A guide.** University of Technology, Sydney, 2006. Disponível em: <<http://www.creativityandcognition.com/resources/PBR%20>

CARUSO. G. **O vazio deixado pelas referências que se vão – Ou: perdemos bell.**

diretorio.fgv.br. 16 de Dezembro de 2021. Disponível em: hooks.

[https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-](https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell)

[hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa](https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa). acesso em: 15 de maio de 2023

ESTÉS,C. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** 2018. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (estés, CLARISSA. p.65).

ESTÉS,C. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** 2018. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (estés,p.237)

EVARISTO, C.. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”.** Itaúsocial.org.br. 9 de Novembro de 2020. disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> . Acesso em: 06 de fevereiro de 2023

FREIRE, P. **"Pedagogia do Oprimido"**. Disciplinas da USP. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/143565/mod_resource/content/2/Texto6-Freie-1parte.pdf. Acesso em: 10 de Abril de 2023

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como Prática da liberdade.** 2013. São Paulo:WMF Martin Fontes, 2013. disponível em:

<<file:///C:/Users/usuario/Downloads/hooks_-_Ensinando_a_transgredir%20(2).pdf>>. Acesso em: 05 de Novembro de 2021

HOOVER,C. **Todas as suas imperfeições.** 2022. Rio de Janeiro: Galera Record, 2022 (HOOVER, p.147)

Informações sobre o SARS-CoV-2 e a COVID-19. FIOCRUZ,2022. Disponível em:

<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sua-saude/informacoes-sobre-doencas/informacoes-coronavirus>. acesso em: 28 de Abril de 2023

RAMOS, J. **Moiras na Mitologia Grega.** Sua Pesquisa, 2023. Disponível em:

<https://www.suapesquisa.com/mitologiagrega/moiras.htm> . Acesso em: 21 de Abril de 2023

SCHUELER, P. **O que é uma pandemia.** FIOCRUZ, 2021. disponível em:

[https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-](https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20sa%C3%9A)

[pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20sa%C3%9A,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa](https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20sa%C3%9A). Acesso em : 28 de Abril de 2023